

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

<p>Redactor Principal MANUEL VIRGÍNIO PIRES</p> <p>Redacção e Administração Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA</p>	<p>Director, Editor e Proprietario Dr. JAIME BENTO DA SILVA</p>	<p>ASSINATURAS Série de 10 Números 5\$00</p> <p>Composição e Impressão Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António</p>
---	--	--

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

As grandiosas comemorações do 1.º de Dezembro em Tavira promovidas pelos alunos do Centro de Instrução de Infantaria - Curso de Sargentos Milicianos.

Revestiram-se de grande brilhantismo as comemorações do 1.º de Dezembro. Organizadas por um grupo de milicianos do Curso de Sargentos, devem êles estar de parabéns, porque a todos, sem reserva agradaram. E a sociedade de Tavira associou-se em massa a tais manifestações do mais ardente patriotismo. Mais uma vez a cidade soube ser gentil para com os seus visitantes e hospedes de cinco meses. Eis que a hora da despedida já chegou. A debandada deve começar hoje. A cidade que estava habituada a vê-los sorridentes, envergando suas fardas, dando vida a tudo e a todos, sente uma imensa saudade. Eram quasi da nossa familia. A'queles que os tinham em suas casas, o adeus da despedida há-de ser pungente. Contudo assim é preciso. A Pátria muito espera de suas energias moças e vontades decididas, fortes. Não-de saber continuar nas pégadas de seus egrégios antepassados.

Em nome da cidade o «Povo Algarvio» apresenta a todos os seus cumprimentos de despedida com votos de boa viagem e um futuro próspero, feliz de todos aqueles que mais lhe são queridos.

☉ “Te-Deum”

Às 13 horas na paroquial Igreja de Santa Maria de Tavira cantou-se um solene TE-DEUM de acção de graças pelo feito dos heroicos portugueses de 1640. Foi celebrante o muito digno prior, Sr. P.º Melo, tendo como acólitos os Rev.ºs Padres Terremoto e Falé.

O Te-Deum de Bordesí, a duas vozes, foi de execução impecável. As vozes másculas dos milicianos madeirenses, pacientemente ensaiadas pelo maestro Sr. Américo Ferreira, ecoavam por todo o vasto templo. O conjunto harmonioso das vozes foi de um efeito surpreendente. A Igreja vestira as suas melhores galas. Ornamentada a capricho, com verduras e palmeiras estava fresca, linda. Os rapazes tinham pôsto o templo num brinquinho. Os convidados não regateavam encómios aos organizadores.

O altar-mor, engalanado com crisântemos, cuja fragrância aromatizava o ambiente silencioso estava belo, simplesmente belo. A profusão de lumes magnífica. As naves laterais do templo eram ocupadas pelos milicianos; o centro da Igreja pelas senhoras especialmente convidadas e o restante povo; as autoridades militares e civis convidados de honra tomaram lugar na capela-mór. A «avé-maria» do P.º José de Noronha foi cantada por um solo. Magnífica a afinação rigorosa, e os cambiantes de voz bem modelados.

Subiu ao púlpito o Sr. P.º Falé, professor distinto do Seminário de Faro que empolgou o auditório com a sua brilhante dissertação histórica da data que se comemorava.

Aliando a beleza da forma a limpidez dos seus conceitos, a sua voz ardente impregnada do mais são patriotismo calou fundo e bem fundo no espirito de todos os seus ouvintes. Te-Deum Saudamus. Te Dominum confitemur foi o tema da sua magnífica oração. Historiando o movimento libertador do jugo castelhano que durante 60 anos nos dominou, o orador bordou interessantes considerações. A terra de Santa Maria é privilegiada. O Rei da Restauração depôs seu cetro aos pés da Imaculada. E' ela rainha de Portugal. Ela nos protege, vigilante, carinhosa. E numa brilhante evocação histórica termina o seu discurso pedindo à Senhora da Fátima que vele por Portugal e o preserve dos horrores

desta tremenda guerra. O respeitoso silencio em que sua Rev.º desceu da Tribuna sagrada, é bem eloquente. Nem um sussurro. E' que toda a gente parecia ouvir ainda reboar pela vastidão do templo a voz maviosa do jovem e já douto orador sagrado. Gozavam todos as delicias inefáveis da unção religiosa do ministro do Senhor e o «Te-Deum Saudamus, Te Dominum confitemur» enchia o espaço. Depois de dada a benção do Santissimo, ao ser a Sagrada Custódia conduzida processionalmente para o sacrário pegava à umbela o Sr. Capitão Moniz. E com a «Salvé Nobre Padroeira» terminou a festa religiosa do 1.º de Dezembro levando todos as mais gratas recordações.

A sessão solene no Teatro Popular

Presidida pelo Sr. Major Plácido Baptista Bravo da Costa, proficiente director do Centro de Instrução de Infantaria, realizou-se pelas 21 horas a anunciada sessão solene. Produzia lindo efeito a ornamentação da sala com palmas e palmeiras.

Pendentes das galerias colchas de seda embelezavam mais ainda a sala. Ao fundo do palco um cenário paisagístico de côres deslumbrantes dava maior grandiosidade à cena. Na plateia muitas senhoras. Oficialidade e pessoas categorizadas ocupavam o 1.º balcão. Os restantes lugares, foram ocupados, sem distinção. A sala estava à cunha. Assu-

Soneto alusivo ao 1.º de Dezembro do Poeta Victor Castela e recitado pelo Aluno Sr. Américo Ferreira na sessão solene realizada no Teatro Popular

*Nascera essa manhã de melodias
N'uma promessa linda de alvorada
E a alma da Nação enclausurada
Não via a luz do dia, há muitos dias.*

*Tinha na boca o travo de alegrias
A lusitana gente já cansada
De não viver uma hora descansada
Sem o sabor de alheias tiranias.*

*Mas n'essa manhã de oiro, a cintilar
O povo português quiz demonstrar
Que sabe libertar-se da desgraça*

*E a Pátria na maior exaltação,
Sentiu bater mais forte o coração,
N'essa victória que eternisa a Raça.*

miu a presidência da sessão o Sr. Major Bravo da Costa, secretariado pelos Srs. Presidente da União Nacional, Dr. Jaime Bento da Silva, Capitães Abrantes e Moniz e Alferes Castell Branco.

O Orfeon do C. I. I., sob a regência do Maestro Américo dos Santos cantou a Portuguesa ouvida de pé por toda a assistência.

O programa da sessão solene foi o seguinte.

Portuguesa pelo orfeon; apresentação pelo Capitão Moniz; Portugal é lindo pelo orfeon; Recitação pelo aluno Ferreira; Oração do Alferes Castell Branco; Alentejo pelo orfeon; Oração do Dr. Jaime Silva; Solo de violino e piano; Oração

Agradecimento

Penhoradamente agradecidos estamos ao bom povo da histórica cidade de Tavira pela sua assistência ao Te-Deum, que se cantou na paroquial de Sta. Maria no dia 1.º de Dezembro contribuindo assim para o seu brilhantismo e à sessão solene que na mesma noite se realizou no Teatro Popular, que todos recordam e não-de recordar com saudade.

Para o Senhor Presidente da Câmara e Presidente da União Nacional, vão também os nossos conhecimentos pelas facilidades que nos concederam e prestigioso auxilio prestado.

Ao considerado «Povo Algarvio» agradecemos a sua valiosa colaboração.

A todas as senhoras que nos deram flores e nos emprestaram flores para com elas embelezarmos a Igreja, reconhecidamente agradecemos.

Tavira, 2 de Dezembro de 1941.

OS ORGANIZADORES

do aluno Ferreira; Encerramento pelo Ex.º Comandante; Portuguesa pelo orfeon.

O Sr. Capitão Henrique Moniz, que fez a apresentação sumária dos oradores da noite e em palavras vibrantes de fé nacionalista afirmou a certeza dos altos destinos da Nação desde que todos cumprissem seus deveres. Calorosas salvas de palmas interromperam por vezes as suas afirmações de modo especial esta: Se Portugal é uma Nação pequena onde mal pode caber um povo, a sua história cabe bem no mundo inteiro. Calorosa ovação corroborou as suas últimas palavras. Sua Ex.º foi muito cumprimentado. Um dos alunos recitou a seguir um soneto da autoria do poeta Victor Castela e alusivo ao 1.º de Dezembro.

Levanta-se para falar, em seguida, o senhor alferes miliciano Castell Branco. Apresentou um trabalho histórico de pêso e grande recorte literário. Evocou os tempos que antecederam a revolução, as privações que Portugal sofria, os vexames a que esteve sujeito. Pormenorizou as reuniões que se efectuaram na casa de João Pinto Ribeiro nas vésperas da Revolução, os esforços empregados para obrigar o duque de Bragança a ocupar o trono, as resistências de alguns que foram vencidas, enfim tudo o que de qualquer modo se opunha ao bom êxito desse feito glorioso, empreendimento notável que nos emancipou de Castela. Ao terminar a leitura do seu valioso trabalho foi muito aplaudido. Em nome da União Nacional falou o Sr. Dr. Jaime Bento da Silva. Depois de tecer o elogio do Sr. Major Bravo da Costa a quem conheceu nos bancos do Liceu de Faro, esprou-se em considerações sobre a história do movimento de 1640. Evocou a magnífica alocação do Rev.º Falé por ocasião do Te-Deum que se celebrara de manhã para dizer que Portugal graças à sua política dum genial chefe de governo tem conseguido livrar-se da tormentosa procela que assola o mundo. Incita os soldados que o ouvem, sargentos de amanhã, a que honrem bem a Pátria que os gerou, quer pela sua valentia, quer pelo seu apumo e brilho militar. No final do seu discurso uma quente ovação reboou por toda a sala.

Seguidamente, usou da palavra o aluno do Curso de Sargentos Milicianos, sr. Aurélio Ferreira, natural do Funchal, que foi, sem favor, o ás desta admirável festa.

O seu discurso dum composição literária encantadora, a dicção primorosa do orador em que não se perdia uma palavra mas a qual não faltava entusiasmo, prenderam extraordinariamente a atenção da assistência que no final lhe tributou uma enorme ovação, sendo o orador abraçado pelo Ex.º Comandante do Centro e mais componentes da mesa d'honra. E a conferência do miliciano ainda hoje é assumpto de conversa.

Levanta-se para encerrar a sessão o Ex.º Director do Centro. Muito rapidamente faz um resu-

Neutralidade e a unidade moral da Nação

A direcção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal aprovou na sua sessão de 21 de Novembro passado, a «Moção» que a seguir publicamos e com cuja doutrina concordamos plenamente:

Considerando que devidamente ponderadas as obrigações resultantes dos compromissos internacionais, as exigências do interesse nacional e as conveniências gerais do Império, o Governô da Nação declarou a neutralidade perante a guerra actual;

Considerando que, para a posição de neutralidade satisfazer integralmente os objectivos nacionais e patrióticos a que visa, não basta que seja fielmente guardada pelo Estado, mas deve também ser observada, em todas as circunstâncias, pelos particulares, no exercicio das suas respectivas actividades;

Considerando que em face dos riscos resultantes das circunstancias actuais é absolutamente indispensavel que o povo português se mantenha unido, solidário e moralmente forte, constituindo um bloco homogêneo de vontades, conscientes dos seus destinos e das suas responsabilidades;

Considerando que o partidari- mo foi banido do quadro da politica interna portuguesa por terem sido reconhecidos os males que causava á Nação dividindo-a em grupos destinados a digladiar-se entre si;

Considerando que há portugueses que se deixam influenciar pela propaganda dos pontos de vista, políticos ou militares, das nações envolvidas no conflito mundial e, assim, desorientam a opinião pública;

Considerando que desta forma os portugueses que justamente se orgulham de não se encontrarem divididos por motivo dos problemas da nossa politica interna, correm o risco de se verem amanhã divididos por amor dos problemas alheios;

Considerando que a Sociedade Histórica da Independência de Portugal tem por fins estatutários, procurar desenvolver o culto de amor da Pátria entre os portugueses, e contrariar por todas as maneiras convenientes, a vulgarização de quaisquer ideas que possam ferir a dignidade de Portugal como Nação livre e independente;

A Direcção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, ponderando os perigos e inconvenientes que representaria a quebra da unidade moral do povo português por divergências de opinião respeitantes aos problemas alheios, resolve:

1.º—Recomendar aos seus associados que se dignem obstar pelos meios ao seu alcance, e dentro da sua esfera de acção, a que nas circunstancias actuais, em Portugal se faça qualquer propaganda que não seja a de Portugal e dos seus legítimos interesses nacionais.

2.º—Dar conhecimento desta moção á Imprensa e a todas as associações patrióticas, desportivas, culturais ou científicas do País, solicitando a sua solidariedade para obtenção dos fins superiores a que ela visa.

Lisboa, 21 de Novembro de 1941

A DIRECÇÃO

SONETO

*Tudo mudou, porquê? Ninguém responde,
A não ser a voz trémula da saudade,
Que, dentro da minha alma, onde se esconde,
Chama por ti, amor, com ansiedade.*

*Tudo mudou, enfim, na minha vida!
Como é cruel, fatal o meu destino!
Já não contemplo a tua imagem querida,
Perdi a luz do teu olhar divino.*

*E agora vivo nesta escuridão,
Nesta cegueira em que anda o coração
Louco de amor, só a chamar por ti.*

*Tu não ouves, Maria, este meu brado?
Vem recordar um sonho já passado,
Esse tão lindo sonho em que vivi.*

Virginio Pires

Dia da Mocidade

1 de Dezembro. Dia da Restauração. Dia da Mocidade.

Nesse dia, o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, sr. dr. Marcelo Caetano, antes da entrega de um guião aos novos alunos da Escola Central de Graduados, pronunciou, perante alguns milhares de filiados concentrados no Parque Eduardo VII, um discurso em que afirmou:

«O dia 1.º de Dezembro é aquele em que celebramos a Independência Nacional. Recordamos que somos diferentes dos outros povos, que por isso precisamos de leis diversas das deles e queremos ser governados à nossa maneira. Há oito séculos que Portugal é um Estado independentemente e, graças a êsse facto, tem prestado serviços extraordinários à Humanidade. Porque a existência de Nações diferenciadas entre si não prejudica o progresso moral e material: pelo contrário, favorece-o e estimula-o. Assim como cada homem, agulhoado pelo seu interesse e pelo desejo de melhorar a sorte da sua família, trabalha muito mais e luta muito mais do que se do seu esforço nenhum proveito pessoal resultasse, fazendo dêsse modo avançar a sociedade a que pertence, assim também cada Nação concorre poderosamente com a sua individualidade para o progresso geral.»

Depois, a-proposito da missão que cabe á Mocidade Portuguesa, o sr. dr. Marcelo Caetano salientou:

«A Mocidade Portuguesa é o penhor de que a nossa independência há-de perpetuar-se por muitas gerações.»

Finalmente, dirigindo-se aos novos alunos da Escola Central de Graduados, o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa disse:

«Ides ser chefes. O chefe, pelo comando, mantém a unidade do seu grupo e dá-lhe orientação definida. Precisais de ter certezas bem firmes. A certeza do valor da Autoridade, e da necessidade do seu prestígio. A certeza de que só a união de todos pela disciplina consentida e consciente criará a força material e moral que se impõe aos nossos e aos estrangeiros. A certeza da Pátria. A certeza de Deus.»

o NATAL dos nossos soldados

A idea de se comemorar o Natal do Expedicionário, em tão boa hora lançada pelo «Diário de Notícias», continua a receber o mais entusiástico e vivo acolhimento. Multiplicam-se as adesões, vindas de todos os lados e de todas as classes, o que traduz mais uma consoladora prova da nossa unidade nacional. Até as crianças vão ter a sua parte na celebração dêste Natal verdadeiramente português, ao enviarem, como sugeriu o semanário infantil «Diabrete», cartinhas de boas-festas aos soldados portugueses que são hoje, mais do que nunca, as sentinelas do Império.

Na Madeira, nos Açores, em Cabo Verde, nas provincias de África, em todos os pontos de Portugal cujas guarnições foram reforçadas, o Natal será, êste ano, não só a comemoração do Natal do Senhor, mas do próprio Natal da nossa Pátria. Não-de sentir que estamos todos com eles, numa bela comunhão de almas. Todos os anos, por milagre da fé, Jesus nasce de novo. Agora, por graça do sentimento patriótico, é Portugal que renasce, mais vivo e mais forte, para exclamar, comovido: «Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade!».

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

A RÉCITA DE DESPEDIDA dos Milicianos do ano de 1941

Com a casa tôda passada realizou-se na última terça-feira a récita dos alunos do Curso de Sargentos Milicianos. Pode-se afoitamente dizer que agradou sem reservas. Foi uma festa que em todos deixou a mais grata das recordações. De Lagos vieram propositadamente o Sr. Coronel Cansado e alguns oficiais. A plateia tinha um aspecto encantador: muitas meninas de escol davam grande beleza á sala de espectáculo e encantavam o ambiente. No público muitos alunos do Curso, e outros militares de patentes superiores.

Estamos em dizer que o Palma foi um dos que mais trabalharam para a realização da récita. Trabalhou muito, desdoubrou-se e nos ensaios foi «pano para toda a obra». Todos os encómios á sua atitude são poucos, porque tem jus a muitos mais. O «compadre» Macêdo não foi feliz em duas anedoctas. Isto, porém, são pequenas nuvens que de modo algum deslustram o brilhantismo que a «revista» alcançou. Os organizadores devem estar satisfeitos e têm razão para tal. E pela nossa parte, em nome do bom povo de Tavira, agradecemos o belo espectáculo que nos proporcionaram, desejando a todos as maiores felicidades no desempenho de suas futuras missões e a todos felicitando pelo seu trabalho.

Depois do sr. cap. Quezada Mendes—o grande organizador—falar da actividade dos alunos durante o Curso e num rasgo de eloquência dizer da missão do graduado de Infantaria e de suas responsabilidades, fez a apresentação o miliciano M. Rebelo da Costa. Palavras simples, sem falsas pedrarias, causou boa impressão. Convidando «os mais idosos» a participar da alegria comunicativa dos novos, em nome de todos os instruendos despediu-se da cidade. A seguir o Orfeão da 2.ª Companhia, sob a regência do Maestro sr. Americo Ferreira dos Santos, que foi infatigável para conseguir um côro harmonioso de vozes, cantou o «Hino Nacional» e outros números agradáveis. Foi de lamentar que as vozes, apesar de afinadas, fôssem tão ásperas. Falta de pastilhas de clorato de potássio ou mentol...

Admirável, estupendo, o diálogo dramático de Carlos Morais representado pelo Cardoso e Costa Braga. Talvez cásse melhor no público se a mímica dos gestos não fôsse tão acentuada e a expressão tivesse um pouco menos de exagero. O à-vontade de Cardoso fêz-se notar, mesmo antes nas palavras que proferiu dedicando a festa ao Ex.º Major mui digno director do Centro. Os dois fados patrióticos, um de sua autoria, cantado pelo madeirense Alvaro Menezes sensibilizaram profundamente os assistentes. Foram muito aplaudidos.

A canção espanhola «Mi Guitarra» pelo tenor Rafael Ascenção, outro madeirense, agradou. E o «maxixe» «Meu Brasil» também agradou. «A Nau Catrineta no Gilão marcou. Virgilio Ribeiro, José de Macêdo e Costa Braga não devem pisar o palco pela primeira vez. Sobretudo José de Macêdo que encarnando um certo personagem foi magistral. A muitos a ilusão pareceu realidade. As alusões «piédéticas» foram engraçadas e não feriram susceptibilidades. O «marujinho» por pouco que se desmanchava. Bem sabemos que o seu papel, difícil e ao mesmo tempo leve, se prestava a tal. Mas conseguiu «desenrascar-se». Costa Braga esteve melhor na «Coroa de Rosas» que representou muitissimo bem. Em teatro de amadores não se podem esperar exhibições impeccáveis, feitas. O certo é que, contudo, apesar das deficiências ser muitas, no conjunto todos se salvaram.

Houve uma parte do progra-

ma que maçou a plateia. Referimo-nos aos muitos números do Orfeão. Alguns bem podiam ser dispensados e assim o programa não seria alterado. Isto sem ofensa nem laivos de critica zoi-la. O Orfeão foi muito aplaudido. E o seu competitissimo Maestro tem razão de se felicitar pela boa actuação dos seus pupilos. Aliás, êle, o sr. Americo Ferreira, que se não poupou a esforços, viu assim o seu trabalho recompensado.

Os solos de piano e violino foram admiráveis. Muito bem—Dr. Ezequiel Evaristo. Mais uma vez se «consagrou». Que nós de música pouco percebemos, como de muitas outras coisas. Deslumbrou. Foi um triunfo. O grande Agostinho de Hipona, ao classificar a música como a arte de bem morrer ou o orgulhoso Napoleão, o menos desagradável dos ruidos (vá lá, que as muletas das citações ajudam-me) fôram profundos. E' certo. A música, a boa música, a clássica inebria, extasia. E o tango «Comparsita» já muito conhecido e batido, apesar de tudo, é sempre bonito. Horta Junjor no seu sólo, magnífico, fez vibrar de comoção tôda a gente. Alberto Relva no fox sapateado foi ovacionado, ovacionadissimo, o mesmo sucedendo a Lanny e Mota nas danças portuguesas Fandango e Corridinho do Algarve. Em jogos histrionicos e malabarísticos deviam ser formidáveis.

O quarteto bocálico cumpriu. Em fim de festa a marcha «Adeus a Tavira» foi cantada por todos. Boa letra e musica agradável. Os autores da musica e letra, Dr. Ezequiel Evaristo e Victor Castela, respectivamente, foram muito cumprimentados. Já passava das duas horas da madrugada quando terminou a festa. A saída ouvimos os mais entusiásticos louvores aos organizadores e actores da récita. E a êsses louvores por serem verdadeiros, sinceros, juntamos também os nossos que não são menos sinceros. Vista no seu todo foi brilhante e há-de ficar nos anais das que se realizam nesta cidade, esta que foi feita pelos simpáticos rapazes, moços garbos, juventude em botão, milicianos. Não me seria desculpável se aqui não fizesse uma referencia aos milicianos Rebelo da Costa e Palma. De proposito deixei-a para final. Eles é que foram a alma que deu vida e realização ao sonho de há muito idealizado. Rebelo da Costa foi incansável. A êle se deve a boa ordem em que tudo decorreu. Merece bem o reconhecimento de todos os seus companheiros porque a festa, em nosso entender, foi de todos. Está, pois, de parabens e bem merecidos. Não julgue, ó Rebelo, que somoslouvaminhas de profissão. Não. Acima de tudo a verdade límpida que brota das minhas palavras descoloridas que são o simples reflexo do muito que se poderia dizer sobre a magnifica noite de festa com que nos brindaram.

Ao Ex.º Sr. Major Plácido Baptista Bravo da Costa as nossas saudações mais efusivas pela bela e gentil recordação que os seus instruendos nos deixaram neste magnifico espectáculo.

Tavira, Dezembro de 1941

P. de B.

Informações

Foram aprovados os estatutos da Caixa de Credito Agrícola Mutuo de Vila Real de Santo Antonio.

A Direcção da mesma ficou assim constituída: Presidente, dr. José Augusto Soares de Matos, nosso particular amigo e assinante; Secretario, sr. José Marques e Tesoureiro, sr. Santiago Medeiros.

mo dos trabalhos apresentados durante a sessão, classifica-a de magnificante, enaltece os seus organizadores, fala com calor dos bravos que tornaram possível a Restauração e felicita o povo tavi- rense por ter tido a ventura de assistir a tão brilhante sessão. E com a «Portuguesa» religiosamente escutada por todos os presentes, estavam terminadas as festas comemorativas do 301.º aniversário da Restauração de Portugal. Todos recolheram às suas casas com a melhor das impressões. E nos cafés comentava-se acaloradamente com palavras de rasgado louvor para os oradores, o brilhantismo que a sessão tinha atingido. Foi uma festa em cheio a que a graciosidade

Dr. Morais Simão

CLÍNICA GERAL

Cirurgia, Partos e Dentes

Consultas das 15 às 18 horas

Rua da Liberdade

TAVIRA

Assine o «Povo Algarvio»

das gentis meninas desta cidade emprestaram maior beleza ainda.

Está de parabens o Sr. Major Bravo da Costa pela festa que os seus instruendos organizaram.

Homenagem ao grande Poeta Algarvio Cândido Guerreiro

Podemos dar hoje mais as seguintes informações sobre as festas em honra de Cândido Guerreiro.

A 13 do corrente, sabado, pelas 21 e 30 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Faro, terá realiação um sarau em honra do Poeta. Depois de uma conferência pelo sr. dr. José Pereira Faisca, nome e cultura de relêvo nas Letras, a dispensar adjectivação, será ouvida ao piano, a Grande Artista, que é a sr.^a D. Maria Izabel Pacheco Soares. Cantará Mademoiselle Maria Tereza Rocha, entre mais números, a última composição do maestro Rebelo Neves. Versos inéditos de Cândido Guerreiro serão lidos ou recitados por Mademoiselles Aristides Catirino e Maria Tereza Cochado, e pelos srs. drs. Mário Lyster Franco e Domingues Romão Pechincha.

No domingo, 14, será o almoço de honra para que já passamos da centena as inscrições: nomes dos mais ilustres de toda a Província.

No mesmo dia, espera-se, será dada a uma rua de Faro o nome de Cândido Guerreiro.

Em data por marcar, no Liceu, sessão solene, com que a primeira entidade cultural do Algarve se associa ás festas do nosso melhor Poeta vivo. Será conferente o Professor Senhor Doutor Joaquim de Magalhães.

- Mário Franco da Cruz
- José Eduardo de Sousa Gago.
- Emiliano Ramos
- D. António de Sousa Coutinho
- Luiz Tomaz Ramos
- Laurentino Baptista (Representante do Jornal «Primeiro de Janeiro»)
- Dr. Arsénio Chambel
- Dr. Henrique Gomes
- Dr. Huno Pontes Vieira
- Capitão Matias de Freitas Guimarães (Presidente da Câmara de Faro)
- Dr. Fernando Teixeira de Azevedo
- Francisco de Sequeira
- Dr. José de Sousa Cachopa
- Dr. Aragão Teixeira

Monte-Pio Artístico Tavirense AVISO Assembleia Geral

Convoco os senhores associados a reunirem-se na Sede Social, em sessão ordinária, pelas 17 horas do dia 15 de Dezembro corrente, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Aprovação do orçamento de despeza para o ano de 1942.
- 2.º Eleição dos Corpos Sociaes para o ano de 1942.
- 3.º Alienação de titulos da Associação para pagamento de drogas e aquisição destas a dinheiro, segundo a autorização do Governo.

Não comparecendo numero legal de sócios para a Assembleia poder funcionar, fica desde já marcada nova reunião para o dia 22 de Dezembro, á mesma hora, no mesmo local e para o mesmo fim

Os cadernos de recenseamento estarão patentes na Sala das Sessões, para serem examinados pelos senhores associados.

Monte-Pio Artístico Tavirense, em 1 de Dezembro de 1941.

O Vice Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Bernardino Padinha Deniz

Potes para azeite

Vendem-se sete, com a capacidade de 300 a 500 litros cada.

Quem pretender, dirija-se a José António Palmilha, Rua da Asséca—Tavira.

PELA CIDADE

Camara Municipal—Foi nomeado Vice-Presidente o Tenente sr. José Augusto Correia, comandante da Secção da Guarda Nacional Republicana de Tavira. Nomeação bem aceite por todos, por quanto este nosso presado conterraneo e amigo é geralmente bemquisto e considerado.

Apresentamos ao sr. Tenente Correia os nossos cumprimentos, certos de que o seu nacionalismo e o seu reconhecido bom senso hão-de contribuir bastante para a boa marcha dos assuntos camararios.

Jogos Florais do fim do Ano—Nesta data já há algumas dezenas de cartas recebidas contendo produções destinadas aos grandiosos «Jogos Florais do Fim do Ano», promovidos pela Sociedade Orfeónica de Amadores de Musica e Teatro.

O programa definitivo está sendo devidamente elaborado pela comissão organizadora da festa. No próximo número já talvez possamos publicar para conhecimento dos nossos presados leitores.

Orfeon dos Milicianos—Agradou bastante o Orfeon formado pelos alunos do Curso de Sargentos Milicianos nas várias vezes em que se apresentou em publico. Felicitamos por esse facto o Maestro Americo dos Santos seu digno Regente.

Por especial deferencia do Ex.^{mo} Major Bravo da Costa, Comandante do C. I. I., na quinta feira exhibiu-se em audição publica o Orfeon completo, perto de 500 vozes. A bela impressão que já havia, aumentou pelo efeito formidavel de tão grande numero de orfeonistas. Cantaram o Hino Nacional e mais 3 trechos que se ouviram com muito agrado. E revelou-se com magnificas condições acusticas a antiga Igreja do Convento da Graça.

Mais uma boa recordação que o C. I. I. este ano nos deixou.

Bôdo aos pobres—A casa F. Denis & Filho, com estabelecimento de fanheiro na rua José Pires Padinha, n.º 78 e 80, dá no dia da Nossa Senhora da Conceição um bôdo aos pobres que será distribuido, mediante a apresentação da respectiva senha, na padaria do sr. Firmino Denis. Cumprimentamos calorosamente os benemeritos comerciantes pela sua generosa iniciativa e agradecemos as senhas que foram enviadas para os nossos pobres.

Necrologia

Faleceu em Loulé, no dia 26 de Novembro, onde se encontrava em tratamento o nosso conterraneo sr. Sotero Constantino Martins, de 33 anos, amanuense da Conservatoria do Registo Predial, filho do sr. Sebastião Martins já falecido e da sr.^a D. Rosa das Dores Martins.

Era casado com a sr.^a D. Maria Envagelista Coelho Martins, e irmão do sr. Vasco Camilo Martins, pai da menina Maria Eugénia Barradas Martins.

Faleceu no dia 30 de Novembro, nesta cidade donde era natural o sr. José Maria Machado, de 45 anos, oficial de Deligencias do Juizo de Direito.

O extinto era casado com a sr.^a D. Natalia das Dores Rodrigues Machado, e pai da sr.^a D. Maria Lavínia R. Machado.

Faleceu em Santa Catarina da Fonte do Bispo, o sr. Francisco Domingues, abastado proprietario e dedicado nacionalista, presidente da Comissão da União Nacional daquela Freguesia. Era viuvo da sr.^a D. Catarina Gago, sendo seu herdeiro o sr. José Gago Sequeira, furriel miliciano actualmente nos Açores.

As familias enlutadas o «Povo Algarvio» envia sentidas condolencias.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Maria da Conceição Monteiro Santos, D. Maria da Encarnação Martins, dr. João José de Matos Pereira e menino Orlando Tomaz Ribeiro Lourenço.

Em 8—D. Maria Eugénia da Conceição Pinto Pires e sr. Jacinto da Conceição Pereira.

Em 9—D. Maria das Dores Pires Soares Aguiar, D. Marília Irene Palma Galhardo e sr. Arquimedes Serrano Lourenço.

Dia 11—D. Irene Julieta Soares Ramos, srs. José Joaquim Parreira Faria, Arnaldo Fagundes Peres e Ciriaco Trindade.

Em 12—Sr. Manuel de Souza Rosa e menino Rogerio Pereira Leiria.

Partidas e Chegadas

Encontra-se nesta cidade o nosso prezado assinante sr. Casimiro Victor Cardeira, viajante duma das principais casas do Pais.

Esteve em Tavira o nosso particular amigo e assinante sr. dr. João de Deus Pereira, meretissimo Juiz de Direito na Comarca de Alcacer do Sal.

—Esteve entre nós o nosso conterraneo sr. Jorge Soares Rosado, estudante de medicina.

—Encontra-se em Tavira o nosso prezado conterraneo e assinante sr. Capitão Jorge Ribeiro.

—De visita a sua familia esteve nesta cidade o nosso prezado assinante sr. Arnaldo dos Santos Lança, mui digno Delegado do Procurador da Republica da Comarca de Silves.

—Encontra-se em Tavira o nosso conterraneo sr. Bernardino Guerreiro, viajante duma das melhores firmas comerciais do Porto.

5 de Dezembro de 1917

Mais um aniversario sobre esta vitoria nacionalista. As esperanças que fez germinar na alma dos portugueses, a ideia de que voltaríamos a ser governados á portuguesa. Dela só resta a recordação dum português de lei, de Sidonio Paes, do seu belo «panache», das trovoadas de aplausos que a sua simples presença provocava. Fumo, que a bala de um assassino em breve desfez, coadjuvada com as «habilidades» politicas.

Casa do Povo da Luz de Tavira

Comemorando o 7.º aniversario da sua fundação, realiza-se hoje na Casa do Povo da Luz de Tavira uma sessão solene, pelas 14 horas.

Felicitemos os corpos dirigentes por esse facto, desejando longa e próspera vida ao mais velho organismo corporativo do Concelho.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido para a sessão solene.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Rádio diagnóstico - Electrotterapia

Rua Santo António, 32 - 1.º

TEL. 57

F A R O

Lições

De piano da-as em casa das alunas ou na sua residencia, rua dr. Bombarda 48, professora diplomada.

Preços modicos.

Mendonça Freitas

ADVOGADO

Rua da Liberdade

TAVIRA

Produtos de Toucador e Beleza

LA TOJA

Usem estes magnificos produtos que são vendidos aos preços de qualquer marca vulgar

SABONETES L. T. (toilette)	Esc. 3\$50
» TRANSPARENTE (toilette)	» 4\$00
» FLUTUANTE (banho)	» 4\$00
PASTA DENTIFRICA (tubo pequeno)	» 3\$50
» » (» grande)	» 5\$50
CREME DE BELEZA (dia ou noite)	» 10\$00
STIK PARA BARBA	» 5\$00
CREME » »	» 12\$00
BRILHANTINA	» 6\$00
SHAMPOO	» 10\$00

À venda nas casas da especialidade

EM TAVIRA NAS CASAS:

BERNARDINO M. MATEUS

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

Pela Província Teatro Popular

Villa Nova de Gaçela

Exibições da Semana

1.º de Dezembro—E' reconfortante poder registrar-se as manifestações cívicas que tiveram lugar nesta freguesia em comemoração da data gloriosa do 1.º de Dezembro de 1640.

De madrugada, salvas de morteiros, musica percorrendo os locais mais populosos, foguetes, tudo anunciando o despertar festivo deste dia.

Às 14 horas, um cortejo dos alunos das escolas primarias e postos de ensino, em formatura, com o respectivo professorado, e muitas bandeiras nacionais.

Muito povo acompanhou o cortejo que se dirigiu para o Cine-Teatro, onde se realizou uma sessão solene e onde vários estudantes recitaram interessantes poesias, diálogos, trialogos, etc.

Numeroso grupo de meninas e meninos cantou lindos e harmoniosos coros.

A convite da Ex.^{ma} Professora D. Marília Vaz Monteiro, tomou a presidencia da sessão solene o dr. José Vasco Nunes, médico municipal, que escolheu para o secretariat, a professora, D. Marília Vaz Monteiro e o dr. Campos Palermio.

A professora, D. Julieta de Sousa Romão, proferiu um discurso histórico alusivo ao acto, sendo muito aplaudida. Falaram, tambem, o presidente e o secretario; o primeiro versando o assunto historico e o segundo referindo-se ao actual momento histórico e apelando para a união da familia portuguesa para enfrentar as dificuldades da hora presente e preparar-se para as que possam surgir.

Foram dados entusiasticos vivas aos Srs. Presidentes da Republica e do Ministerio.

Em seguida foi distribuido um lanche a todas as creanças.

Merecem especial louvor as Ex.^{mas} professoras D. Marília Vaz Monteiro, D. Julieta de Sousa Romão e D. Gabriela de Sousa Rosa que foram incansáveis na organização desta encantadora festa.

Merecem tambem aplausos as regentes dos postos de ensino, D. Rosa Roque Rabeca, D. Catarina Madeira Santos, D. Ana de S. José da Silva, D. Maria Antonieta Gomes de Melo e o sr. Jacinto Pereira Guerreiro, regente do posto de ensino das Solteiras, de Tavira, que ensaiou e dirigiu a parte musical, contribuindo para maior brilho da festa.

—A' noite, na Sociedade Recreativa Cacelense, pronunciou uma palestra historica o sr. Manuel dos Santos Cabanas, que foi muito aplaudido, seguindo-se um baile.

Correio—Continua-se na mesma lamentavel situação: sem registos, sem encomendas postais, sem estampilhas e sem telefone.

A empregada que foi escolhida para a estação regional já estagiou 3 meses, fez exame, ficando aprovada, mas nada indica ainda onde será instalada a encantadora estação.

Mais uma vez pedimos providencias.

—e.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia SIMPLICIO.

Meu filho e meu rival é um filme de Charles Vidor que nos demonstra que muitas vezes os bons pais são maus pais. E' o que vamos ver hoje no ecran do nosso Cinema. O assunto é fortemente dramático, desenvolve um tema humano de flagrante verdade.

Aos 7 anos já o filho se mostrava egoista, mentiroso e mau, mas o papá impedia que a mãe o castigasse, o que certamente concorreu para o seu descalabro moral.

Madeleine Carrol, Brian Aherne e Louis Hayward são os grandes artistas a quem foram confiados os principais papeis.

Segunda feira—Terá exhibição uma verdadeira obra prima de extraordinário interesse e emoção que enaltece a arte cinematográfica. Trata-se de *Rebecca* (A Mulher Eterna). E' um filme excepcional como excepcional é o romance, já muito conhecido, donde foi extraido.

Rebecca conta-nos uma das mais impressionantes histórias de amor. Apesar de morta—A Mulher Eterna—reina como castelã e é nessa mansão que vai viver uma segunda mulher considerada portanto intrusa por aqueles que a rodeiam. No protagonista: Lawrence Olivier.

Quinta-feira—Constituem um programa duplo as excelentes produções: *Caido do Ceu* e *Misterio da Sala Branca*.

O primeiro filme é uma engraçadissima comédia com linda musica e canções.

Mischa Auer, impagavel comico, é ama seca dum bebé irrequieto.

O segundo é um filme policial em que uma mão sinistra semeava impiedosamente a morte a golpes de bistori.

Bom desempenho de Bruce Cabot e Helen Mack.

Agradecimento

Francisca Nico Batista, Filhas e Netos agradecem a todas as pessoas que acompanharam á sua ultima morada seu marido, pai e avô João Pedro Batista cujo funeral se realizou em 10 de Setembro do corrente ano.

Assinal o «Povo Algarvio»

A COMPETIDORA

Continua a fazer competência

Tôda a gente sabe em Tavira e fóra de Tavira que a COMPETIDORA de

José Augusto Neves

tem sempre um colossal sortido de Lanifícios e Algodões, Caçemiras, Elasticotiães, Piques-Piques, Mesclas, Diagonais Cheviotes, Sarjas, Tricós, Sorrubecos, Sobretudos recebidos directamente dos melhores Fabricantes.

Cotins, Panos Crus e Brancos de Guimarães.

Flanelas, Linhos para todos os preços, Chapelaria, Miudezas, etc., etc.

O maior e mais completo sortido

Capotes Alentejanos

Guerra sobre Guerra—Comprar nesta casa é fazer a Guerra à carestia pois adquire nas melhores condições de preço.

Uma visita faz Fé

Não deixem V. Ex.^{as} de visitar esta casa que aconselhamos que sem reserva de preços SEMPRE VENDE e muito agradece o proprietário da

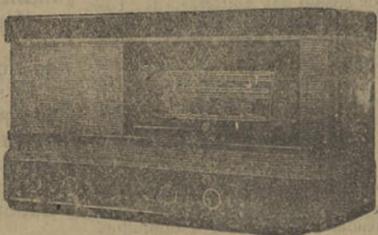
COMPETIDORA

na Praça da República 28-29—Rua da Fonte, 2
Junto à Ponte—Ponto Estratégico

TAVIRA

Que belo aparelho
«PHILIPS»

A VENDA
no Cunha & Dias, Lda.
TAVIRA



Se é económico prefira um aparelho Philips!

Um PHILIPS faz a alegria dum lar!...

COMARCA DE TAVIRA

Anuncio

2.^a PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que correm editos de vinte dias, a contar da segunda publicação deste anuncio, citando quaesquer credores incertos para no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, deduzirem, querendo, os seus direitos nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Público move contra Francisco José das Chagas ou Francisco José Canhoto e mulher, residentes no sitio das Solteiras, freguesia da Conceição, desta comarca.

Tavira, 18 de Novembro de 1941.

O Chefe da 2.^a Secção

Eduardo Dias Ferreira

Verifiquei

O Juiz de Direito

Luis Pinto

Jornal «Povo Algarvio» n.º 389 de 7 de Dezembro de 1941

VENDE-SE

Um trem fechado com todos os arreios em estado absolutamente novo.

Quem pretender dirija-se a José Elesbão de Carvalho.—Barbearia—Luz de Tavira.

Guitarra

Vende-se uma em estado novo. Nesta Redacção se informa.

VENDE-SE

Um automovel «Ford», modelo T de 1926, bem calçado. Dirigir a Diogo Filipe Franco, Garagem de Araujo Ribeiro—Tavira.

Dinheiro

Empresta-se sobre hipoteca ao juro da lei. Nesta redacção se informa.

Cunha & Dias, L.^{da}

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fostoreira Portuguesa
Venda de tabaco e fostoros
aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores

Casas

Vendem-se em Tavira: uma na rua Miguel Bombarda, n.ºs 2 e 4, e outra na rua D. Paio Peres Correia, 9; ambas com quintal.

Trata-se com Damião de Vasconcelos, em Tavira, rua Miguel Bombarda, 10.

Essaiar o «Povo Algarvio»

“MULLARD”

É esta a marca dum dos melhores receptores europeus de T. S. F., para todas as correntes e baterias.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Francisco Padinha Raimundo

R. do Poço do Bispo, 10—TAVIRA

Valentim Lopes

ALFAIATE

**Ultimas novidades
em Lanifícios**

Fatos prontos a vestir desde, Esc. 300\$0, e Sobretudos desde o mesmo preço

Anuncie no «Povo Algarvio»

SANTA CASA

DA MISERICORDIA DE TAVIRA

Avisam-se todos os devedores de fóros e juros de que podem efectuar o pagamento voluntário dos respectivos recibos anuaes, todos os domingos, das 11 ás 15 horas, na Secretaria do Hospital desta Misericórdia.

Também se avisam todos aqueles que devam mais do que um recibo, de que devem efectuar já, os pagamentos em atraso.

A Misericórdia para poder cumprir a sua missão precisa do auxilio e carinho de todos que lho podem prestar, não podendo dispensar os rendimentos que lhe são próprios, pelo que, embora com pesar, procederá coercivamente contra todos os seus devedores em atraso.

O Provedor

Carlos Silva

CLÍNICA DENTÁRIA

Consultas tôdas as terças-feiras, na Séde do Montepio Artístico Tavirense, das 14 ás 17 horas.

NOTA—Consultas gratuitas aos pobres munidos do respectivo atestado passado pelas Juntas de Freguesia a que pertencam.